

O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital¹

The role of intergenerational solidarity in digital literacy

Magda Sofia Roberto
António Fidalgo
David Buckingham

RESUMO: No âmbito do envelhecimento e aposta na aprendizagem intergeracional para desenvolver a literacia digital, este trabalho recorre à Teoria da Ação Planeada para analisar a intenção de jovens universitários ajudarem idosos a adquirirem competências digitais. Com aplicação de questionário a 135 estudantes, os resultados enfatizam a promoção de estratégias educacionais pró-sociais que reforcem o valor da solidariedade e o desenho de programas significativos para ambas as gerações.

Palavras-chave: Intergeracionalidade; Literacia Digital; Solidariedade.

ABSTRACT: *In the context of ageing and the need to focus on intergenerational learning to develop digital literacy, this study applies the Theory of Planned Behaviour to analyse university student's intentions to help seniors acquire digital skills. We applied a questionnaire to 135 students and the results emphasise the need to promote educational pro-social strategies to enhance the value of solidarity and designing meaningful activities for both generations.*

Keywords: *Digital Literacy; Intergenerationality; Solidarity.*

¹ Pode ser designado por letramento digital.

Envelhecimento ativo e inclusão digital

A sociedade contemporânea caracteriza-se pelo acentuado progresso tecnológico que permite, todos os dias, melhorias e ganhos na qualidade de vida humana; mas, ao mesmo tempo, esta é também a sociedade que se depara com um dos problemas globais mais desafiantes: o envelhecimento da população (Nações Unidas [NU], 2002). O desafio não será o aumento da esperança média de vida, que a medicina moderna concedeu aos seres humanos, ajudando-os a prolongar a última etapa das suas vidas; mas, sim, o desenvolvimento de políticas públicas e de saúde que tornem a velhice digna e bem-sucedida, com oportunidades de aprendizagem e de participação cívica (NU, 2002).

Os dados estatísticos projetados pelas NU estimam que, em 2050, o número de adultos com mais de 60 anos seja superior ao de jovens com idade igual ou inferior a 15 anos, perspetivando-se ainda um aumento substancial do número de idosos com mais de 80 e 100 anos (NU, 2002). Em cada 10 pessoas, 3 terão pelo menos 65 anos em 2050 (Eurostat, 2010). Se afunilarmos esta análise para os países de língua portuguesa, os dados ilustram a mesma tendência, encontrando-se Portugal e o Brasil entre os países com índices globais de envelhecimento mais elevados.

Num total de 91 países analisados pela organização internacional HelpAge, o Brasil (58,9) apresenta um índice global de envelhecimento superior ao de Portugal (57,8), ainda que se deva ter em consideração as diferenças em termos populacionais. No caso do Brasil, estima-se uma população total na ordem dos 199 milhões, o que corresponde a cerca de 11% da sua população com idade superior a 60 anos, percentagem que atingirá os 29% em 2050 (HelpAge, 2013). Em Portugal, a população atual de 10,6 milhões corresponde a 24.4% de pessoas com pelo menos 60 anos, o que no ano de 2050 irá equivaler a 40.4% da sua população, tornando o país o segundo mais envelhecido em nível mundial (HelpAge, 2013).

Envelhecer é uma etapa da vida, como outras já foram, e acarreta mudanças biológicas, psicológicas e sociais (Dias, 2012). De acordo com Costa (2005), envelhecer implica uma *idade cronológica* – a idade real, institucionalizada pela nossa certidão de nascimento, mas também uma *idade biológica*, decorrente das alterações corporais e que pode ser superior, ou inferior à nossa idade cronológica;

assim como uma *idade pessoal*, subjetiva, que se relaciona com as experiências individuais de cada pessoa, fazendo com que cada um de nós se sinta mais ou menos idoso, mais ou menos jovem (Costa, 2005). Independentemente da consistência entre este tipo diferenciado de idades, os seres humanos não são imunes à passagem do tempo, e às mudanças que esse tempo que passa provoca nas suas vidas – ainda que o envelhecimento seja sempre um processo individual – dependente das características distintas de cada pessoa (Dias, 2012).

(...) if we consider that life expectancy is around 80 years old and that the longevity of our species is around 115, from 65 onwards we could still count on living more or less 50 years of the potential period of old age. So we have to admit that the larger age period would be the old age in comparison with infancy, adolescence or adulthood.² (Fernández-Ballesteros, 2013, p.27).

Cada vez mais a literatura dedicada ao envelhecimento demonstra que este longo período das nossas vidas se caracteriza por uma relação dinâmica entre desenvolvimento, declínio e estabilidade (Baltes, Freund & Li, 2005). Ainda que as oportunidades para aprender possam ser menores, a verdade é que a capacidade para aprender permanece no tempo, ocorrendo em qualquer idade. A aprendizagem ao longo da vida pode ter um impacto muito positivo no processo de envelhecimento, com ganhos mentais e físicos (Fernández-Ballesteros, 2013). Qualquer cidadão tem direito a participar em atividades estimulantes que possibilitem a construção de redes sociais e o desenvolvimento de competências para garantir a sua autonomia, saúde e bem-estar (Encel & Studencki, 1996).

(...) concepts such as “lifelong learning”, “creativity” and “reminiscence” may gain new and unexpected meanings. New arenas, such as the cultural heritage sector, may step forward as relevant providers of learning experiences, creativity sessions and reminiscence work, making everyday life meaningful to persons who are no longer part of the work force. People who *may* suffer from the loss of a beloved partner, who *may* be economically

² “(...) se consideramos que a esperança média de vida é de cerca de 80 anos e a longevidade da espécie humana é em torno dos 115 anos, a partir dos 65 anos ainda poderemos viver, mais ou menos, cerca de 50 anos do período potencial da nossa velhice. Assim, deve ter-se em consideração que o período mais longo da nossa vivência corresponde à velhice, em comparação com a infância, a adolescência ou a idade adulta.”

deprived, physically fragile or suffering from diseases such as Alzheimer's disease. But who may, just as well, be in good health and in search for opportunities to learn, be creative and develop one's inner self³ (Kling & González, 2013, p.10).

Devido aos desequilíbrios sociais causados pelo processo de envelhecimento que, muitas vezes, conduzem ao isolamento social e emocional dos idosos, comprometendo a sua autonomia e independência, a aprendizagem ao longo da vida pode constituir-se como uma ferramenta poderosa no combate à desigualdade e à exclusão social (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2002). Segundo a OMS, os desafios propostos pelo envelhecimento populacional podem ser ultrapassados com sucesso, desde que se aumentem as oportunidades para a saúde, participação e segurança dos idosos. Desse modo, devem promover-se políticas de envelhecimento ativo que potenciem as capacidades individuais dos idosos, assim como o seu bem-estar físico e psicológico (OMS, 2002).

O progresso subjacente à sociedade contemporânea tem, cada vez mais, a possibilidade de conceder aos idosos meios que lhes permitam ser ativos, produtivos e participativos (Kachar, 2001), entre os quais se encontram as tecnologias de informação e comunicação (TIC). O reconhecimento do valor das TIC para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e apoiar o crescimento social, económico e cultural dos países, levou a União Europeia (UE) a promover um programa de inclusão digital que visa a reduzir as barreiras no acesso às TIC entre grupos sociais infoexcluídos (UE, 2007). O facto de os idosos apresentarem níveis reduzidos de literacia e de competências digitais aumenta a necessidade de democratizar o acesso à informação apostando em estratégias de literacia digital que, por um lado, combatam a tecnofobia e, por outro, reforcem a socialização e o exercício de cidadania dos mais velhos (Lopes & Alves, 2006).

³ “(...) conceitos como “aprendizagem ao longo da vida”, “criatividade” e “reminiscência” podem ganhar significados novos e inesperados. Novas áreas, como o caso do setor do património cultural, podem surgir como meios promotores de aprendizagem, de sessões criativas e de reminiscências, tornando o quotidiano das pessoas em idade avançada mais rico e significativo. Pessoas que tenham sofrido com a perda de um familiar querido, que estejam numa situação económica desfavorecida ou que sofram de problemas de saúde como a doença de Alzheimer; mas também pessoas que estejam bem de saúde e à procura de oportunidades para aprender, ser criativas e desenvolver as suas competências.”

Solidariedade e Relações Intergeracionais

A evolução da sociedade contemporânea não tem apenas reforçado a esperança média de vida, tem também fomentado mudanças profundas na forma como as famílias se estruturam e se relacionam (Dias, 2012), contribuindo para a problemática da solidão e do isolamento social dos idosos (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2012). Em Portugal, tal qual sucede um pouco pelo mundo, o número de idosos que vivem sozinhos, ou exclusivamente acompanhados por outros idosos, cresceu cerca de 28%, totalizando um número superior a 1 milhão de pessoas (INE, 2012).

Ainda que exista uma relação entre solidão e isolamento, esses conceitos remetem para significados distintos. Quando um idoso se sente só, isso significa que existe, da sua parte, uma insatisfação com o número ou a qualidade dos seus contactos sociais (Andersson, 1998), independentemente de viver, ou não sozinho. Já a questão do isolamento remete para um outro elemento, nomeadamente para a retirada forçada, do idoso do seu envolvimento na vida comunitária (Ackley & Ladwig, 2004). Os trabalhos literários de Clarice Lispector e de Mia Couto – “Feliz Aniversário” e “Noventa e Três”, respetivamente – exemplificam a problemática do isolamento social e da solidão, ao focarem o silenciamento dos mais velhos na comunidade, pela sociedade e respetivas famílias. Em ambos os casos, ocorre “a problematização da velhice, o abandono da figura do idoso dentro do contexto familiar em uma situação narrativa comum: o dia do aniversário.” (Carvalho, 2007, p.72).

Ao envelhecer, os idosos vão-se deparando com roturas dos seus vínculos quer sejam profissionais, com a entrada na reforma, quer sejam familiares ou sociais, com o afastamento dos filhos, o falecimento dos cônjuges ou ainda a exclusão sentida por parte da sociedade decorrente do preconceito e da discriminação (Messy, 1999). Com a solidão e o isolamento, chega também uma maior prevalência da depressão que reduz a qualidade de vida e compromete a saúde mental do idoso (Lim & Kua, 2011).

A necessidade de combater essa problemática tem levado ao desenvolvimento de intervenções que procuram minimizar as consequências da solidão e do isolamento através da construção de estratégias intergeracionais. Cada vez mais é importante perceber a sociedade atual (e futura) como sendo multigeracional, e dependente das trocas entre gerações para ser bem-sucedida (Saéz, 2002). A construção sustentada de

interações sociais entre gerações fomenta a solidariedade e a cooperação através da criação de oportunidades de contacto, em que as diferentes gerações desenvolvem atividades conjuntamente (Garcia, 2002). Nesse tipo de atividades, todos os seus intervenientes se beneficiam em termos físicos, psicológicos e sociais das relações construídas, permitindo à comunidade, em último caso, ser mais inclusiva e participativa onde o objetivo é “(...) to change and be changed while learning with others”⁴ (Sáez, 2002, p.29).

Pelo contacto geracional, é possível partilhar experiências, conhecimentos e competências, assim como valores e atitudes que visam a melhorar a qualidade de vida dos seus intervenientes (Sáez, 2002) criando, assim, oportunidades de aprendizagem intergeracional. Nesse tipo de aprendizagem, que se assume enquanto uma forma de aprendizagem ao longo da vida, os ganhos são sempre bidirecionais e permitem uma melhor aceitação da diversidade e da diferença de valores (García Míguens, 2005).

A importância da comunicação e da interdependência entre as pessoas, em particular as que se encontram em risco de isolamento e solidão, faz com que seja fundamental apostar nos benefícios que as novas tecnologias podem potenciar. A interatividade que a Internet possibilita é um dos exemplos que permite uma melhoria da socialização e da participação comunitária (Kreis, Alves, Cárdenas & Karnikowski, 2007).

O contacto com as redes sociais digitais, proporciona aos idosos o acesso a novas relações, mas também abre novas possibilidades de inserção na família, fomentando as interações entre gerações, através, por exemplo, de atividades lúdicas, como é o caso dos jogos interativos, ou da comunicação por e-mail e outros serviços (Páscoa e Gil, 2012, p.39).

As TIC fazem parte das formas de ser e viver da sociedade atual, permitindo trocas de informação, conhecimentos e experiências entre gerações distintas (Espanha, 2009). Com efeito, a formação dos idosos em literacia digital é muito importante para que esses idosos possam potenciar a sua autonomia e encontrar novos meios de desenvolvimento pessoal (Vellespir & Morey, 2007).

⁴ “(...) mudar e ser mudado ao mesmo tempo em que se aprende com outras pessoas.”

Apesar das dificuldades que possam existir em termos formativos entre os idosos decorrentes de fatores biológicos, sociais e psicológicos, não se deve inviabilizar a sua oportunidade de aprenderem (Rogers & Fisk, 2006). Deve-se, sim, criar condições formativas – preferencialmente intergeracionais – que permitam ir ao encontro das necessidades e expectativas dos idosos ao nível da utilização das TIC (Timmermann, 1998). O envolvimento dos idosos nos processos de formação e aprendizagem – apostando na extensão valiosa dos seus saberes e experiências – é essencial para que possam superar os seus receios e explorar as vantagens tecnológicas (Borges, 2008).

A Teoria da Ação Planeada no contexto da solidariedade intergeracional

A solidariedade entre gerações é fundamental para garantir o envelhecimento ativo da população, e a sua qualidade de vida, nomeadamente numa sociedade que ainda se debate com práticas idadistas que estereotipam e discriminam os idosos. Contudo, a evidência de que o contacto intergeracional frequente facilita as trocas e o apoio entre os diferentes grupos geracionais dá ânimo a novas possibilidades relacionais de respeito mútuo e de partilha de experiências que permitam a construção de uma comunidade mais inclusiva (Sung, Kim & Torres-Gil, 2010).

Pensar na solidariedade intergeracional enquanto modeladora comunitária, capaz de reforçar a qualidade das ligações entre novos e velhos é ir além da componente familiar e das relações que aí se estabelecem entre filhos, pais e avós. Numa sociedade inclusiva, espera-se que as trocas sejam mais abrangentes, em que as pessoas se possam envolver em ações comunitárias que visem a melhorar o bem-estar das suas populações (Shin & Kleiner, 2003). Como exemplo desse tipo de prática, temos o voluntariado em que as pessoas oferecem os seus serviços a outrem, sem que esperem qualquer compensação ou retorno monetário (Shin & Kleiner, 2003).

O envolvimento da sociedade cívil em ações de voluntariado tem diversas implicações não só para a comunidade, como também para o voluntário. Por um lado, o trabalho em regime de voluntariado acarreta redução de gastos, uma vez que as instituições se beneficiam de serviços feitos sem qualquer custo (Rehnborg, Fallon & Hinerfeld, 2002); por outro, é uma forma que os participantes têm de conhecer melhor

os problemas que existem na comunidade, reforçando os seus conhecimentos, ao mesmo tempo que lhe oferecem suas competências e experiências (Rehnborg, Fallon & Hinerfeld, 2002).

No caso da solidariedade intergeracional, as práticas voluntárias e altruístas devem ser fomentadas para que os mais jovens possam criar raízes sociais e desenvolver as suas competências, mas também para que os mais velhos possam participar ativamente na sociedade, reduzindo o seu isolamento e solidão. A relevância da intergeracionalidade, incentivada pela celebração no ano de 2012 do *Ano Europeu para o Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações*, é reconhecida pelo financiamento de projetos que visam a “encourage debate on the challenges related to growing older, and at the same time raise the awareness and recognition of how older people can contribute to society.”⁵ (Comissão Europeia [CE], 2012, p.5) através da construção de oportunidades formais ou informais de aprendizagem que beneficiem as gerações e facilitem, aos mais velhos, aprender competências digitais (CE, 2012).

Para que se possa perceber de que modo funciona a solidariedade intergeracional, em particular de que forma os mais jovens se envolvem em atividades voluntárias que visem à melhoria da qualidade de vida dos idosos, deve-se identificar que fatores potenciam a ocorrência dessa prática. Uma das teorias que permite analisar as motivações do comportamento humano, e que tem sido utilizada em diferentes domínios, entre os quais a solidariedade e o altruísmo, é a Teoria da Ação Planeada (TAP) (Ajzen, 1991). De acordo com os seus pressupostos teóricos, a intenção que as pessoas têm de realizar um determinado comportamento decorre de três elementos: as atitudes, as normas subjetivas e o controlo comportamental percebido (CCP). Assim, a intenção que temos de realizar um comportamento é função da avaliação – positiva ou negativa – que fazemos da ação a realizar (atitude), da perceção que temos da pressão social que existe para realizarmos essa ação (norma subjetiva), e da forma como percebemos ser fácil – ou difícil – a realização da mesma. No final, a intenção da ação vai ser o antecedente imediato do comportamento (Ajzen, 1991).

Apesar de várias revisões de literatura indicarem que a TAP é um modelo teórico capaz de explicar a intenção e o comportamento, existem algumas limitações

⁵ “Incentivar o debate sobre os desafios relacionados com o envelhecimento, e ao mesmo tempo, aumentar a consciência e o reconhecimento de como as pessoas idosas podem contribuir para a sociedade.”

que comprometem a sua aplicação, nomeadamente ao nível da sua dimensão normativa (Armitage & Conner, 2001). Vários trabalhos argumentam a necessidade de incluir a norma moral enquanto preditor adicional da intenção, uma vez que muitos comportamentos humanos, em particular na área da solidariedade, voluntariado e altruísmo, têm subjacentes valores morais que permitem explicar os cursos de ação que se desenvolvem (Godin, Conner & Sheeran, 2005).

À luz da TAP, este trabalho procura analisar a intenção dos mais jovens se envolverem em práticas solidárias na tentativa de ajudarem os idosos a desenvolverem as suas competências digitais para que futuramente se possam otimizar as oportunidades de aprendizagem e de solidariedade intergeracional, nomeadamente no âmbito das TIC e da promoção da literacia digital. Dessa forma, assumimos duas hipóteses com base nos pressupostos teóricos apresentados:

Hipótese 1: Tendo em conta a TAP, é expectável que as intenções dos jovens de ajudarem os avós e outros idosos (e.g. vizinhos) a aprenderem competências digitais sejam influenciadas pelas atitudes, norma subjetiva e CCP.

Hipótese 2: Adicionalmente, a norma moral enquanto preditor adicional da intenção, vai reforçar a capacidade preditiva do modelo em estudo, quer no caso da intenção dos jovens ajudarem os avós, quer no caso de ajudarem outros idosos (e.g. vizinhos).

Método

Participantes

No total, o estudo contou com a participação de 135 estudantes universitários oriundos de uma universidade da Grande Lisboa, Portugal, pertencentes a programas de licenciatura (74.1%) e mestrado (25.9%). Os participantes eram, na sua maioria, do sexo feminino (F = 89, M = 46), com idades variáveis entre os 18 e os 55 anos (M = 25.3), a residir com as suas famílias (59.3%) e dispendendo, em média, cerca de 18.32 horas por semana na Internet. Os participantes consideram que os avós são, entre os seus familiares, os que menos acesso têm às TIC: mais de 80% dos participantes considera que os seus avós não utilizam nem o computador, nem a Internet.

Instrumento

O instrumento utilizado para avaliar as hipóteses deste estudo foi construído com base nos pressupostos teóricos da TAP. O impacto das atitudes, norma subjetiva e CCP foi avaliado, tendo em conta a intenção dos jovens ajudarem os idosos a desenvolverem competências digitais. Devido à relação entre a moralidade e o altruísmo referida previamente, foi incluído um preditor adicional que procurava aferir a relevância da norma moral na intenção dos participantes, tendo por base o trabalho de Godin, Connon e Sheeran (2005), que têm incluído esta norma na TAP para avaliar a importância das questões morais no comportamento humano.

Com a relevância das relações intergeracionais, e a necessidade de prolongá-las para além do núcleo familiar, os itens apresentados remetiam, quer para a intenção dos jovens ajudarem idosos de maior proximidade, como os seus avós, quer para a sua intenção de ajudarem outros idosos de menor proximidade, como os vizinhos.

No questionário, os participantes tinham de indicar as suas respostas, assinalando-as numa escala de Likert de 7 pontos, variável entre: (1) *Discordo Totalmente* e (7) *Concordo Totalmente*. Como exemplo temos “*Nos próximos meses pretendo ajudar os meus avós a adquirirem competências digitais.*” O questionário incluiu, ainda, questões sociodemográficas para caracterizar a utilização que os participantes fazem das TIC, assim como a utilização dos seus familiares.

Procedimento

Os questionários foram distribuídos no início das aulas dos participantes. Para reforçar a precisão das respostas, antes de começarem o preenchimento dos questionários, solicitou-se aos participantes que suas respostas fossem dadas em função dos objetivos do projeto que visa à construção de atividades intergeracionais para promover a literacia digital entre os idosos. A folha de rosto de cada questionário apresentava, adicionalmente, um breve relato sobre a problemática da infoexclusão entre os idosos, as suas necessidades de aprendizagem e os benefícios que as TIC lhes podem proporcionar.

Análise dos dados

Para testar o modelo teórico utilizado, com inclusão da norma moral enquanto antecedente adicional da intenção, aplicaram-se análises de regressão. Previamente, aferiu-se para cada variável a sua consistência interna com análise dos Alfas de Cronbach, e a sua validade de conteúdo com aplicação do método de Análise de Componentes Principais. A Tabela 1 ilustra os resultados obtidos, em termos de coeficientes de regressão.

Resultados

No primeiro conjunto de análises de regressão, testamos o modelo tradicional da TAP, controlando o efeito da norma moral na intenção. Tal como se pode verificar na Tabela 1, a hipótese 1 foi parcialmente suportada, uma vez que o CCP não obteve resultados significativos face à intenção de os jovens ajudarem os avós.

Para explicar a intenção de os jovens ajudarem os avós a adquirirem competências digitais, os principais preditores foram a norma subjetiva ($\beta = 0.76$, $p < .001$), seguida das atitudes ($\beta = 0.62$, $p < .05$). As relações apresentadas explicam 28% da variância da intenção. No caso da intenção dos jovens ajudarem outros idosos, como os seus vizinhos, os principais preditores foram as atitudes ($\beta = 0.38$, $p < .05$), seguida da norma subjetiva ($\beta = 0.17$, $p < .05$) e do CCP ($\beta = 0.15$, $p < .05$). Este modelo explica 23% da variância da intenção.

Tabela 1. Coeficientes de regressão da intenção dos jovens ajudarem idosos na aquisição de competências digitais

Preditores TAP	Avós	Vizinhos
Atitudes	0.62*	0.38*
Norma Subjetiva	0.76**	0.17*
CCP	0.10	0.15*
Norma Moral	0.49**	-0.02

No segundo conjunto de resultados (Tabela 1), incluímos a norma moral como preditora adicional da intenção. Também a hipótese 2 foi parcialmente suportada, uma vez que a norma moral apenas reforçou a capacidade preditiva do modelo TAP, no caso da intenção de os jovens ajudarem os avós a desenvolverem as suas competências digitais. A norma moral acresceu a explicação da variância da intenção em 13% ($\beta = .49$, $p < .001$).

Discussão e Conclusão

O debate na área da solidariedade e do altruísmo é já longo e começa a receber novos contornos com as reestruturações da sociedade e com a necessidade que cada vez mais se sente de implementar políticas sociais inclusivas e intergeracionais. Este trabalho exploratório procurou reforçar o conhecimento sobre a temática da solidariedade intergeracional no âmbito das TIC, com o intuito de recolher informações que possam ser valiosas para o desenho de programas/atividades entre gerações que visem ao recurso às novas tecnologias.

Recorrendo à TAP – uma das teorias com maior aplicação neste contexto, e no contexto do comportamento humano – para analisar a intenção de jovens universitários de ajudarem idosos a desenvolverem competências digitais, foi possível identificar resultados que ilustram diferenças nas suas motivações consoante a proximidade do idoso, indicando que os jovens não percebem os idosos enquanto grupo homogéneo. Para os jovens, as necessidades dos idosos, com quem têm uma relação de maior proximidade e afinidade, caso dos seus avós, são valorizadas devido ao seu papel no núcleo familiar, e em particular devido às pressões sociais e morais que foram assimilando durante a sua fase inicial de socialização. Nesse contexto, não deixará de ser interessante analisar no futuro em que medida esta ajuda – decorrente de normas sociais e morais – se assume enquanto um ato genuíno de solidariedade e altruísmo ou, inversamente é percebida como uma troca ou um ato de valorização pessoal.

Ao focar-se a questão sobre a sua intenção de ajudarem outros idosos, com menor proximidade e fora do seu contexto familiar, os resultados apontam para uma maior relevância do valor que os jovens atribuem à atividade em causa, sem que deixe

de existir também um impacto da pressão social, daquilo que acreditam que outros relevantes irão pensar sobre o seu comportamento e do domínio que têm da atividade a desenvolver. Contudo, neste caso, deixa de prevalecer uma obrigação moral, muito provavelmente pela inexistência de ligações familiares.

A mera construção de atividades intergeracionais, nomeadamente no âmbito das TIC, poderá não ser promotora dos efeitos desejados, à medida em que, por si só, a construção destas atividades não conduzem a uma aproximação geracional. Tal qual os resultados deste trabalho ilustram, as âncoras motivacionais dos mais jovens situam-se em pressões sociais e/ou morais que os levam a ponderar a sua ajuda, elementos que não se traduzem no que se espera obter quando se fala em solidariedade ou altruísmo – o carácter genuíno de emoções como a empatia, a simpatia ou a compaixão (Reyniers & Bhalla, 2013).

Apesar da eficácia que a pressão social e moral possa assumir nesse tipo de práticas, a valorização da sua participação nas atividades será menor e pouco sustentável. Ao desenvolverem-se atividades intergeracionais que visam a promover a literacia digital entre idosos deve-se procurar previamente planear e refletir sobre o programa a desenvolver, para que seja possível construir um clima que favoreça não só a aprendizagem intergeracional, mas também o desenvolvimento e a clarificação de valores, para que no futuro se reforcem o respeito e a cooperação (Kohler, 1997). É importante que os participantes percebam a relevância das atividades e pretendam dar o seu contributo.

Este trabalho chama a atenção para a necessidade de se apostar na construção de comportamentos pró-sociais, em que exista uma vontade voluntária de beneficiar outras pessoas, o que poderá ser feito através de programas educacionais que reforcem a responsabilidade moral e a educação para a cidadania (Kohler, 1997). Por exemplo, a aposta em programas ancorados em modelos de aprendizagem-serviço que envolvam o currículo escolar dos jovens e a intervenção comunitária pode ser uma estratégia sustentável de valorização da transmissão de valores. Também estratégias que permitam conciliar as TIC, que os jovens dominam, com os saberes dos idosos, possam ter um papel relevante. Entre elas, podemos encontrar a construção de histórias digitais que permitem trocas de experiências, desenvolvimento de competências, reflexão e colaboração.

As transições e as mudanças que se sentem na sociedade devem implicar uma aposta nas relações entre gerações, em que todos possam contribuir com os seus conhecimentos e experiências. A valorização da aprendizagem ao longo da vida pode ser uma forma para aproximar gerações, nomeadamente no âmbito da literacia digital – campo que permite juntar diferentes necessidades entre gerações: enquanto os mais jovens têm um saber prático que podem ensinar, os mais velhos retribuem com a sua experiência de longa data. Apesar do carácter exploratório deste trabalho, os resultados obtidos enfatizam alguns traços já prevalecentes na literatura, nomeadamente o valor que a pressão social exerce no comportamento humano.

Estudo futuros, que procurem explorar o valor da intergeracionalidade na promoção da literacia digital entre idosos, devem ter em consideração a necessidade de construir atividades significativas para os grupos participantes que possam ter um envolvimento genuíno, conciliando os saberes e experiências das diferentes gerações. Adicionalmente, a análise longitudinal de programas entre gerações no âmbito das TIC poderá ser benéfica em termos do seu impacto nas competências adquiridas pelos idosos, nos ganhos alcançados pelos jovens e nas repercussões comunitárias existentes, não só para melhorar a qualidade de programas futuros, mas também para reforçar a construção de um caminho sólido em prol da solidariedade intergeracional.

Referências

- Ackley, B. & Ladwig, G. (2004). *Nursing diagnosis handbook: An evidence-based guide to planning care*. St. Louis, MO: Mosby Elsevier.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179-211.
- Andersson, P. (1998). *The Origins of Postmodernity*. London (England): Verso.
- Armitage, C. & Conner, M. (2001). Efficacy of the theory of planned behavior: a meta-analytic review. *British Journal of Social Psychology*, 40, 471-499.
- Baltes, P., Freund, A. & Li, S. (2005). The Psychological science of human aging. In: Johnson, M.L., Bengston, V.L., Coleman, P.G. & Kirkwood, R.B.L. (Eds.). *The Cambridge Handbook of Age and Ageing*. Cambridge: University Press.
- Borges, I. (2008). *Older people and Information and Communication Technologies – An ethical approach*. AGE – The European Older People's Platform.
- Carvalho, M. (2007). De cronos ao claustro: imagens da velhice em Clarice Lispector e Mia Couto. *Ângulo 111*, 72-75.

Comissão Europeia. (2012). *ICT for seniors and intergenerational learning. European Commission: Lifelong Learning Program*. Retirado a 20 abril, 2014, de: http://eacea.ec.europa.eu/llp/results_projects/documents/publi/ict_intergenerational_learning.pdf.

Costa, E. (2005). *A Velhice em Cena*. São Paulo (SP): Ágora.

Couto, M. (1996). Noventa e três. In: Couto, M. *Estórias aben-sonhadas*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.

Dias, I. (2012). O uso das tecnologias digitais entre os séniores - motivações e Interesses. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, 68, 51-77.

Encel, S. & Studencki, H. (1996). *Retirement: a survey*. University of South Wales. Retirado a 01 abril, 2014, de: http://www.maca.nsw.gov.au/__data/assets/pdf_file/0020/141536/Retirement.pdf.

Espanha, R. (2009). *Saúde e comunicação numa sociedade em rede – o caso português*. Lisboa (Portugal): Monitor.

Eurostat (2010). *Structural indicators – Eurostat online*. Retirado a 01 abril, 2014 de: http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/structural_indicators/introduction.

Fernández-Ballesteros, R. (2013). Possibilities and limitations of age. In: Oliveira, A. (Coord.). *Promoting Conscious and Active Learning and Aging*, 25-74. Imprensa da Universidade de Coimbra. Retirado a 01 abril, 2014, de http://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/ebook/E-book_Promoting.

García Mínguez, I. (2005). *Programas de Educación intergeneracional. Acciones estratégicas*. Madrid (Espanha): Dykinson.

Garcia, S. (2002). *Destino ímpar*. São Paulo (SP): Editora 34.

Godin, G., Connor, M. & Sheeran, P. (2005). Bridging the intention-behaviour ‘gap’: the role of the moral norm. *British Journal of Social Psychology*, 44(4), 497-512.

HelpAge International (2013). *Global agewatch index 2013*. Retirado a 01 abril, de 2014, de <http://www.helpage.org/global-agewatch/>.

Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011 – Resultados Pré-definitivos*. Retirado a 21 abril, 2014, de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=134582847&DESTAQUESmodo=2.

Kachar, V. (2001). *A terceira idade e o computador: interação e produção num ambiente educacional interdisciplinar*. Tese de doutorado em Educação. São Paulo (SP), PUC-SP.

Kling, S. & González, J. (2013). Editor’s Introduction. In A. Hansen, S. Kling, e J. González (Eds.), *Creativity, Lifelong Learning and the Ageing Population*, 9-12. Ostersund: Jamtli Forlag. Retirado a 01 abril, 2014, de <http://www.lemproject.eu/WORKING-GROUPS/museums-and-the-ageing-population-1/creativity-III-and-ageing-population>.

Kohler, S. (1997). Educação para pró-sociabilidade: uma lição de cidadania? *Paidéia FFCLRP-USP*, 39-50.

Kreis, R., Alves, V., Cárdeguas, C. & Karnikowski, M. (2007). O impacto da informática na vida do idoso. *Kairós Gerontologia*, 10(2), 153-168.

- Lim, L. & Kua, E. (2011). Living alone, loneliness, and psychological well-being of older persons in Singapore. *Current Gerontology and Geriatrics Research*, 2011, Article ID 673181, 1-9. doi:10.1155/2011/673181
- Lispector, C. (1998). Feliz aniversário. In: C. Lispector. *Laços de família*. Rio de Janeiro (RJ): Rocco.
- Lopes, C. & Alves, V. (2006). As novas possibilidades de educação nas Universidades Abertas do Brasil (UAB) e da Terceira Idade (UnATI). In: Sastre, E. (Org.). *Encruzilhadas da universidade particular: caminhos e possibilidades*. Brasília (DF): Universa.
- Messy, J. (1999). *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo (SP): ALEPH.
- NU - Nações Unidas. (2002). *Informe de la Segunda Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento*. A/CONF.197/9. Nova Iorque: Nações Unidas. Retirado a 01 abril, 2014, de: http://www.monitoringris.org/documents/norm_glob/mipaa_spanish.pdf.
- Organização Mundial de Saúde. (2002). *Active ageing. A policy framework*. Genebra: OMS. Retirado a 01 abril, 2014, de: http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/who_nmh_nph_02.8.pdf.
- Páscoa, G. & Gil, H. (2012). O desafio do Facebook na promoção do envelhecimento ativo e da solidariedade intergeracional. *Portugal Maior 2012 – Encontro para o Envelhecimento Ativo, Atas do III Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria*. Lisboa: Escola Superior São João de Deus. Retirado a 21 abril, 2014, de: <http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2047/1/Atas%20do%20III%20Congresso%20Internacional.pdf>.
- Rehnberg, S., Fallon, C. & Hinerfeld, B. (2002). *Investing in volunteerism: The impact of service initiatives in selected Texas state agencies*. Austin: University of Texas at Austin.
- Reyniers, D. & Bhalla, R. (2013). Reluctant altruism and peer pressure in charitable giving. *Judgment and Decision Making*, 8(1), 7-15.
- Rogers, W. & Fisk, A. (2006). Cognitive support for elders through technology. *Generations*, 30(2), 38-34.
- Sáez Carreras, I. (2002). *Pedagogia Social y Programas Intergeneracionales. Educación de Personas Mayores*. Málaga (Espanha): Ediciones Aljibe.
- Shin, S. & Kleiner, B. (2003). How to manage unpaid volunteers in organisations. *Management Research News*, 26(2-4), 63-71.
- Sung, K., Kim, B. & Torres-Gil, F. (2010). Respectfully treating the elderly: affective and behavioural ways of American young adults. *Educational Gerontology*, 36, 127-147.
- Timmermann, S. (1998). The Role of Information Technology in Older Adult Learning. *New Directions for Adult and Continuing Education*, 77, 61-71.
- União Europeia. (2007). *Envelhecer bem na sociedade da informação: Uma iniciativa i2010*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias. Retirado a 01 abril, 2014m de: http://www.unic.pt/images/stories/publicacoes200710/com2007_0332pt01.pdf.

Vellespir, J. & Morey, M. (2007). A participação dos idosos na sociedade: integração vs segregação. In A. Osório e F. Pinto (Coords.), *As Pessoas Idosas. Contexto Social e Intervenção Educativa*, 225-251. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget.

Recebido em 10/05/2014

Aceito em 30/05/2014

Magda Sofia Roberto - Investigadora de Pós-Doutoramento, LabCom-Laboratório de Comunicação Online, Universidade da Beira Interior, Portugal.

Contacto: magda.roberto@labcom.ubi.pt

António Fidalgo - Professor Catedrático de Ciências da Comunicação, LabCom-Laboratório de Comunicação Online, Universidade da Beira Interior, Portugal.

Contacto: antonio.fidalgo@labcom.ubi.pt

David Buckingham - Professor Catedrático de Ciências da Comunicação. School of Social Sciences, Loughborough University, Reino Unido.

Contacto: d.buckingham@lboro.ac.uk